

Criar em Comunidade - Uma visão antropológica

Paulo Alves Pereira
(Departamento de Artes Cénicas)

No mundo globalizado, gerido pelo ritmo vertiginoso dum rápido desenvolvimento tecnológico, em que as nações se debatem entre a necessidade de filiação em macro-alianças (regidas estas sobretudo por aspectos de natureza economicista) e a preservação das suas culturas, reveste-se de suma importância a investigação da linguagem dos códigos de comunicação e educação interculturais, entre os quais o estudo dos processos de teatralidade assumem um plano de grande relevo. Estes são, por assim dizer, reflectores do paradoxo social e do tipo de relações humanas surgidas do dilema vivido pela maior parte dos indivíduos entre o seu desejo de autenticidade pessoal e o seu acto de abandono alienatório perante as constantes manipulações de que são alvo na nossa sociedade fortemente marcada pelo consumismo. Investigar as diferentes formas de socialização é pois tentar perceber o retrato duma sociedade à procura de si própria no labirinto sem fronteiras do pós-pós-modernismo.

Assim, ao investigarmos um determinado processo cénico, assumindo a perspectiva da Antropologia Teatral, não procuramos apenas fazer um levantamento ou uma análise de questões históricas, etnológicas e teóricas intrínsecas à compreensão do teatro e da sua natureza entanto que forma de comunicação e expressão de humanidade, estamos sim a pesquisar qual o tipo de relacionamento aí adjacente entre ritual e teatro. Trata-se aqui pois de tecer uma análise e o respectivo discurso sobre as estruturas performativas presentes nesse mesmo processo, que precedendo um determinado modelo (estético) teatral mais amplo, por exemplo na forma de jogos simbólicos de relacionamento quotidiano entre personagens, possam contribuir para compôr o tecido que irá dar forma à comunicação social daí resultante. Neste sentido, a Antropologia Teatral abre-nos os olhos, sob ou sobre o teatro, ajudando-nos a abrir os nossos horizontes sobre a capacidade de alcance do universo cénico e da ampla gama de possibilidades que este proporciona para o alargamento do intercâmbio cultural. O que significa então Antropologia Teatral, onde estão as suas balizas e até onde vão as suas possibilidades?

Quando falamos de Antropologia Teatral, não nos estamos a referir na realidade a um campo de pesquisa claramente definido no âmbito dos estudos teatrais. Trata-se aqui muito mais de um projecto, ou de uma postura, que investigadores das artes cénicas, das mais diversas proveniências, têm vindo a realizar desde os anos sessenta do século passado, cujo objectivo central se concentra em torno da relação entre a ritualidade existente num determinado processo e teatralidade que daí emana.

Daí que o estudo dos fenómenos de comunicação cultural entre os diversos indivíduos que integram a sociedade (as suas formas de pensamento, a sua linguagem corporal, a sua ritualização, o seu posicionamento religioso, a sua opção estética, a sua atitude perante os cânones das culturas oficiais, a sua tentativa de subversão destes cânones como forma de sobrevivência cultural) torna-se em algo de premente importância, tanto mais que vivemos numa fase de grande conturbação social provocada em parte pela grande onda migratória a que assistimos.

Do confronto entre sistemas e estruturas sociais distintas surgem por vezes atritos originados pelas diferentes configurações de comportamento, ou diferentes contextos simbólicos. Vejamos, por exemplo, a situação do teatro na actualidade, mais concretamente a relação entre teatro e sociedade, a qual tem vindo a tornar-se cada vez mais complicada: se hoje a maioria dos atores sociais estão conscientes de que a vida em sociedade está no seu cerne estruturada de forma teatral, que função poderá assumir o teatro, senão a de um lugar especial no seio dessa mesma sociedade?

Se as pessoas se queixam cada vez mais, de serem constantemente obrigadas, tanto a nível privado como publicamente, a assumir um papel e por conseguinte a terem de representar algo, porque razão deverão elas então à noite dirigirem-se a um local especializado, para admirar atores a interpretar os seus papéis?

Se a política numa ‘Sociedade do Espetáculo’, como lhe chama Guy Debord¹ é afectada pelo facto de os cidadãos serem degradados a meros espectadores das acções dos políticos, como pode o espetáculo de teatro tornar-se politicamente eficaz?

Este tipo de questões, levantadas pelas actuais teorias definitórias da relação entre estética e política, reflectem com particular acuidade o conjunto de reflexões sobre os potenciais de liberdade da experiência estética e a real capacidade de politização desta.

Numa sociedade em que a auto-realização criativa, sob o alibi da concorrência, se tornou numa espécie de coerção, coloca-se a questão sobre as experiências e práticas estéticas; se elas terão ainda a capacidade de poderem agir de forma emancipada, crítica e politicamente eficiente².

Estas são pois preocupações que implicam uma investigação aturada: onde tem lugar hoje em dia um teatro politicamente empenhado?

Como se podem descrever estas formas de teatro? Que posição assumem elas na hierarquia social?

Não constituirá hoje em dia a estratégia denominada “Teatro e Comunidade” uma forma de organizar uma resposta à destruição sistematizada das

¹ Debord, Guy (1931-1994): A Sociedade do Espetáculo. Paráfrase em português: Railton Sousa Guedes. eBookLibris: www.geocities.com/projetoperiferia.

² Menke, Christoph e Rebentisch, Juliane (2010): Kreation und Depression. Freiheit im gegenwärtigen. Berlin: Kadmos.

comunidades e ao mesmo tempo uma atitude em prol de uma cidadania tão necessária ao próprio desenvolvimento?

Todos nós queremos criar uma nova cultura, livre da violência. Uma cultura que em lugar de competir com a natureza, esteja a cooperar com ela. Partindo do princípio de que a transparência gera confiança, necessitamos de uma cultura que, alicerçada num forte humanismo, nos ajude a criar confiança entre nós.

Deste modo, o trabalho com a comunidade é uma estratégia para descobirmos o que é autêntico, vivo e verdadeiro em nós. Quando a comunidade se reúne para criar, está a construir um espaço de abertura e de confiança entre as pessoas, contrariando as desconfianças e susceptibilidades tacanhas e atávicas . Muitas vezes vemos no outro uma ameaça, ‘no olhar dos outros, a morte das minhas possibilidades’. Ora, o trabalho de criação colectiva na e com a comunidade poderá transformar-se em algo que nos ajude a crescer e sentir no olhar dos outros a cura e fortalecimento para o nosso próprio *ego*. Criar empatias é condição *sine qua non* para garantirmos um feedback social à nossa volta, criando assim um sustentáculo para podermos ultrapassar as nossas próprias limitações.